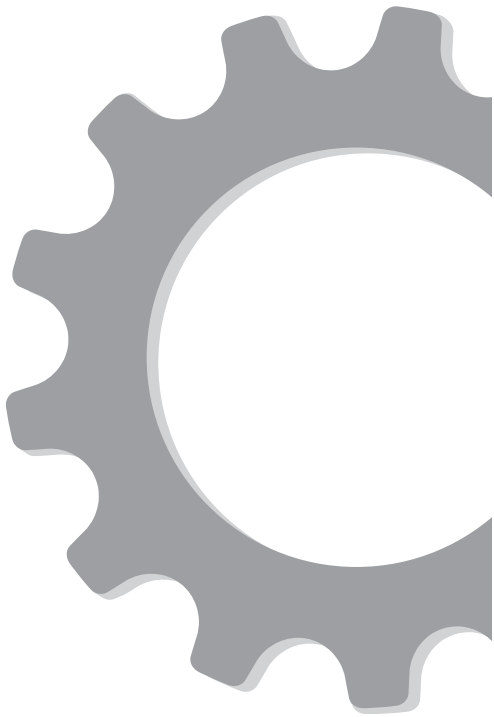
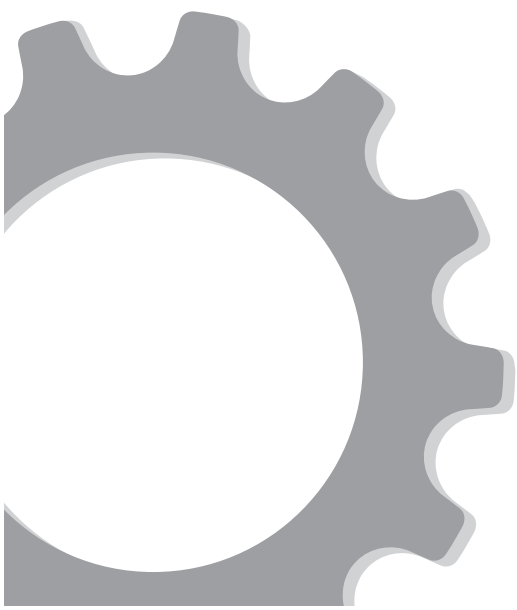
Índice

Sob o mesmo teto	9
Presa a ti	123
Abaixo de zero	227
Capítulo bónus	339



Sob o mesmo teto



Para a Becca, que é a melhor e teve a melhor ideia

Prólogo 

Presente

Olho para a pilha de loiça por lavar e chego a uma conclusão dolorosa: não ando nada bem.

Na realidade, risquem isso. Eu já sabia que não andava bem. Mas, se não soubesse, agora era de caras: isto de não poder olhar para um escorredor e doze garfos sujos sem ver os olhos escuros do Liam conforme ele se apoiava na bancada, de braços cruzados sobre o peito; sem ouvir a sua voz áspera-mas-brincalhona a perguntar «Arte pós-moderna? Ou simplesmente ficámos sem detergente?»

Isto na sequência de chegar tarde a casa e ver que ele deixou a luz do alpendre acesa para mim. Essa então… oh, enche-me o coração de soluços de uma forma meio adorável, meio desconcertante. Outra coisa que me provoca soluços no coração: lembrei-me de apagar a luz depois de entrar. Não é nada típico meu, e possivelmente significa que a gosma de chia que ele costumava preparar-me quando estava atrasada para o trabalho está a desenvolver a inteligência do meu cérebro.

Ainda bem que decidi ir-me embora. É melhor assim. Estes soluços do coração não trazem nada de bom a longo prazo, tanto para a saúde mental como para a cardiovascular. Sou só uma humilde principiante nisto da choraminguice, mas posso adiantar com segurança que viver com um tipo que costumavas odiar, e por quem acabaste por te apaixonar, *não é* uma boa estratégia. Acreditem, tenho um doutoramento.

(Numa área completamente distinta, mas ainda assim.)

Sabem qual é o lado *bom* de choramingar? A constante energia nervosa. Leva-me a olhar para a pilha de loiça e a considerar que limpar a cozinha pode acabar por ser divertido. Quando o Liam entra, ponho-me a surfar numa onda de vontade inesperada de encher a máquina da loiça, e deixo-a levar-me até onde entender. Olho para cima, para ele, reparo na forma como quase preenche a totalidade da ombreira e proíbo o meu coração de soluçar. Ele fá-lo na mesma — chega inclusive a dar uma pirueta.

O meu coração é um imbecil.

— Deves estar a perguntar-te se estou a arrumar a loiça coagida por algum atirador que me tem na mira. — Atiro um sorrido ao Liam sem esperar que o retribua, porque… é o Liam. É quase impossível ler as suas expressões, mas há muito que parei de tentar *ver* o seu divertimento, limitei-me a *senti-lo*. É bom, reconfortante, e queria banhar-me nele. Quero que ele abane a cabeça e diga «Mara», no tom que o caracteriza, a rir-se contra a própria vontade. Quero meter-me em bicos de pés, esticar-me para afastar aquela mecha de cabelo escuro da testa, aninhar-me no seu peito para cheirar o odor delicioso e limpo da sua pele.

Mas duvido de que *ele* também queira isso. Por isso, viro-me para resgatar uma tigela de cereais que estava escondida debaixo do escorredor.

— Achei que os esporos parasitários que vimos naquele documentário estavam a controlar a tua mente. — A voz é baixa. Rica. Vou sentir tanto, *tanto* a sua falta.

— Eram cirrípedes. Vês, eu sabia que tinhas adormecido a meio.

Ele não responde. Não faz mal porque… Liam. Um homem de poucos sorrisos e ainda menos palavras.

— Então, estás a ver o cãozinho do vizinho? O buldogue francês? Deve ter fugido durante o passeio, porque vi-o a correr na minha direção no meio da rua. Trazia a trela a reboque e tudo. — Estico-me para agarrar uma toalha e as minhas mãos colidem com ele. — Ups, desculpa. Enfim, levei-o a casa, é mesmo fofo…

Detenho-me. Porque, de repente, o Liam não está simplesmente *de pé* atrás de mim. Está a encurralar-me contra o lava-loiça, e sinto a bancada a pressionar-me o osso da anca, e há uma parede alta de calor nas minhas costas.

Oh, meu Deus.

Ele… Terá tropeçado? Deve ter tropeçado. Isto é um acidente.

— Liam?

— Está bem assim, Mara? — pergunta, mas não se afasta. Fica exatamente onde está, com o corpo a pressionar-me as costas, as mãos apoiadas na bancada, uma de cada lado das minhas ancas, e… Será alguma espécie de sonho lúcido? Será um episódio cardiovascular gerado pelos soluços do coração? Será que o meu cérebro está a transformar as minhas fantasias noturnas mais desavergonhadas em alucinações?

— Liam? — solto um gemido, porque ele está a acariciar-me o cabelo, mesmo acima da têmpora, com o nariz e talvez também com a boca, e parece intencional. Nada acidental. Ele estará…? Não. Não, claro que não.

Mas as mãos estão abertas sobre a minha barriga, e é isso que dá a entender que isto é diferente. Não parece um roçar de braços acidental no corredor, daqueles que tenho tentado obrigar-me a parar de revisitar obsessivamente. Não se parece com aquela vez em que tropecei no cabo do computador e quase aterrei no colo dele, e também não se parece com aquela vez em que ele segurou o meu polegar com delicadeza para ver a queimadura que eu tinha acabado de fazer no fogão. Isto parece…

— Liam?

— Chiu. — Sinto os seus lábios na têmpora, mornos e tranquilizadores. — Está tudo bem, Mara.

Algo quente e líquido começa a acumular-se no meu ventre.



Um

Seis meses antes

— Sinceramente, «Eles dão-se bem como uma casa em chamas» é dos dizeres mais enganadores da língua inglesa. Problemas elétricos? Má utilização de equipamento de aquecimento? Suspeitas de fogo posto? Nada que se refira a duas pessoas que se dão minimamente bem, sequer. Sabem o que me lembra uma casa em chamas? Bazucas. Lança-chamas. Sirenes à distância. Porque nada é mais passível de causar um incêndio doméstico do que dois inimigos a tentar atear fogo aos bens mais preciosos do outro. Querem causar uma explosão? Ser simpático para o colega de casa não leva a isso. Por outro lado, encharcar a sua colcha feita à mão em querosene e acender um fósforo…

— Menina? — diz o motorista de Uber, ao virar, com um ar culpado por estar a interromper o meu devaneio pré-apocalíptico. — Só para informar que estamos a cerca de cinco minutos do destino.

Atiro-lhe um sorriso arrependido de *Obrigada* e volto a olhar para o telemóvel. Os rostos das minhas duas melhores amigas ocupam o ecrã inteiro. No cimo, ao canto, estou eu: com a cara mais franzida do que é costume (e com razão), mais pálida do que é costume (será possível?), e mais ruiva do que nunca (deve ser o filtro, certo?).

— É perfeitamente compreensível, Mara — diz a Sadie, com uma expressão intrigada. — E aconselho-te a levar as tuas, hum, queixas bastante pertinentes à Madame Merriam-Webster, ou a quem quer que

seja o responsável por esses assuntos, mas… Na verdade, só te perguntei como correu o funeral.

— Sim, Mara… como… correu… o funeral? — A qualidade da ligação da Hannah é deprimente, mas é o normal.

Isto, creio eu, é o que acontece quando conheces as tuas melhores amigas na faculdade: Num minuto, estás toda satisfeita, agarrada ao teu diploma de graduação em engenharia a cintilar de novo, a rir-te enquanto emborcas uma quinta rodada de *Midori Sours*. No seguinte, estás em lágrimas porque vão todas seguir caminhos diferentes. O FaceTime torna-se tão essencial quanto o oxigénio. Não se vê nenhum *cocktail* verde-néon por perto. Os teus monólogos ligeiramente perturbados não acontecem na privacidade do apartamento que partilham, mas no banco de trás semipúblico de um Uber, enquanto vais a caminho de uma conversa muito, *muito* estranha.

Veem, é isto que eu odeio acima de tudo sobre ser adulta: a dada altura, temos de começar a agir de acordo. A Sadie está a projetar edifícios ecossustentáveis em Nova Iorque. A Hannah anda a congelar o rabo numa estação de pesquisa da NASA na Noruega. E, quanto a mim…

Eu estou aqui. A mudar-me para D.C. para começar o meu emprego de sonho — cientista na EPA, a Agência de Proteção Ambiental. Um papel que devia deixar-me nas nuvens. Mas o papel arde *depressa*. Tão depressa quanto as casas em chamas.

— O funeral da Helena foi… interessante. — Reclino-me no assento. — Acho que é o lado bom de saberes que vais morrer. Podes maltratar um bocado os outros. Dizer-lhes que, se não tocarem a *Karma Chameleon* enquanto baixam o teu caixão, o teu fantasma vai assombrar-lhes a prole por gerações.

— Fico feliz por teres podido passar os últimos dias com ela — diz a Sadie.

Faço um sorriso sábio.

— Ela foi difícil até ao fim. Fez batota no nosso último jogo de xadrez. Como se não fosse ganhar na mesma… — Sinto a sua falta. A um nível desordenado. Helena Harding, a minha orientadora de doutoramento e mentora nos últimos oito anos, era como família de uma forma que os meus parentes frios e distantes nunca se deram ao trabalho de

ser. Mas também era idosa, estava em sofrimento e, como gostava de dizer, *ansiosa por voos mais altos*.

— Foi adorável da parte dela deixar-te a sua casa em D.C. — diz a Hannah. Ela deve ter-se mudado para o fiorde melhor, porque já consigo distinguir as suas palavras. — Agora tens onde ficar, aconteça o que acontecer.

É verdade. É mesmo verdade. E estou tremendamente grata. O presente da Helena foi tão generoso quanto inesperado, sem dúvida o gesto mais bondoso que alguém teve para comigo. Mas a leitura do testamento foi há uma semana, e há uma coisa que ainda não tive oportunidade de contar às minhas amigas. Algo que tem que ver com casas em chamas.

— Em relação a isso…

— Oh, não. — Vejo dois pares de sobrancelhas a franzir-se. — Que foi?

— É… complicado.

— *Adoro* coisas complicadas — diz a Sadie. — Também é dramático? Deixa-me ir buscar uns lenços.

— Ainda não sei bem. — Respiro fundo para me fortalecer. — Parece que a casa que a Helena me deixou não era bem… dela.

— Como assim? — A Sadie aborta a missão de ir buscar lenços e em vez disso franze o sobrolho de olhos em mim.

— Bem, era dela. Mas só uma parte. Só… metade.

— E quem é o proprietário da outra metade? — Podemos contar com a Hannah para ir sempre direta ao cerne da questão.

— Começou por pertencer ao irmão da Helena, que morreu e a deixou aos filhos. Depois, o filho mais novo comprou a parte dos irmãos e agora é o único proprietário. Bem, além de mim. — Aclaro a garganta. — Chama-se Liam. Liam Harding. É um advogado de trinta e poucos anos. E de momento vive na casa. Sozinho.

A Sadie arregala os olhos.

— Caramba. A Helena sabia?

— Não faço ideia. Penso que sim, mas os Harding são uma família tão estranha. — Encolho os ombros. — Velhos ricos. Muito ricos. Tipo família Vanderbilt. Kennedy. Que há na cabeça dos ricos, sequer?

— Provavelmente monóculos — diz a Hannah.

Aceno.

— Ou jardins com topiária.

— Cocaína.

— Torneios de polo.

— Botões de punho.

— Espera aí — interrompe a Sadie. — Que é que o Liam Vanderbilt Kennedy Harding disse a respeito disso no funeral?

— Ótima pergunta, mas: ele não estava lá.

— Ele não pôs os pés no *funeral da própria tia*?

— Ele não tem grande contacto com a família. Há muitos dramas, parece-me. — Toco no meu próprio queixo. — Talvez eles sejam mais Kardashians que Vanderbilts?

— Estás a dizer que ele não sabe que és proprietária da outra metade da casa dele?

— Deram-me o número dele e disseram-lhe que eu ia passar por lá. — Faço uma pausa antes de acrescentar: — Por mensagem. Ainda não falámos. — Mais uma pausa. — E ele não chegou propriamente a… responder.

— Não estou a gostar disto — dizem a Hannah e a Sadie em uníssono. Noutra altura qualquer eu teria rido da sua mente de colmeia, mas há mais uma coisa que ainda não lhes disse. Algo de que vão gostar ainda menos.

— Uma curiosidade sobre o Liam Harding… Sabem que a Helena era tipo a Oprah da ciência ambiental? — Mordisco o lábio inferior. — E sempre fez inúmeras piadas sobre como a sua família era sobretudo de académicos com inclinação para o liberalismo que andam por aí a salvar o mundo das garras das grandes empresas.

— Ah é?

— O sobrinho é um advogado corporativo na FGP. — Só de proferir aquelas palavras fico com vontade de enxaguar a boca com elixir dentário. E fio dentário. O meu dentista vai adorar saber.

— A FGP Corp., a malta dos combustíveis fósseis? — Surge um sulco profundo entre as sobrancelhas da Sadie. — A petrolífera? A grande petrolífera internacional?

— Isso.

— Oh, meu *Deus*. E ele sabe que és uma cientista ambiental?

— Bem, eu apresentei-me. E basta usar o Google para ver o meu perfil no LinkedIn. Será que os ricos usam o LinkedIn?

— Ninguém usa o LinkedIn, Mara. — A Sadie massaja a têmpora. — Jesus Cristo, isso é mesmo mau.

— Não é assim tão mau.

— Não podes ir encontrar-te com ele sozinha.

— Vai ser tranquilo.

— Ele vai matar-te. Tu vais matá-lo. Vão matar-se um ao outro.

— Eu… quem sabe? — Fecho os olhos e volto a reclinar-me no assento. Há setenta e duas horas que estou a tentar convencer-me a não entrar em pânico, com resultados dúbios. Não me posso ir abaixo agora. — Acreditem, ele é a última pessoa com quem queria ser coproprietária de uma casa. Mas a Helena deixou-me metade da casa, e preciso dessa metade, não é? Devo milhões em empréstimos académicos, e D.C. é estupidamente cara. Talvez possa ficar lá durante um tempo. Poupar na renda. É uma decisão financeiramente responsável, não?

A Sadie cobre o rosto com a mão e a Hannah passa ao ataque:

— Mara, até há dez minutos eras só uma estudante de doutoramento. Mal saíste do limiar de pobreza. Não *deixes* que ele te expulse dessa casa.

— Talvez ele nem se importe! Até fiquei surpreendida por saber que ele vive lá. Nada contra, a casa é muito agradável, mas… — Esmoreço, a pensar nas fotografias que vi, nas horas que passei na vista de rua do Google a passar revista a cada imagem para tentar perceber porque é que a Helena se importava tanto comigo a ponto de *me deixar uma casa*. É uma bela propriedade, sem dúvida. Mas é mais uma espécie de residência familiar. Não é o tipo de lugar onde imaginava um advogado de topo que provavelmente ganha o produto interno bruto de um país europeu à hora. — Mas os advogados superpoderosos não vivem em coberturas no décimo nono andar com bidés dourados e adegas de conhaque e estátuas deles próprios? Tanto quanto sei, ele raramente está em casa. Por isso, vou ser sincera com ele. Vou explicar a situação. De certeza que vamos encontrar algum tipo de solução…

— Chegámos — diz o motorista, com um sorriso. Retribuo-lhe com um sorriso um tanto débil.

— Se daqui a meia hora não nos enviares uma mensagem — diz a Hannah num tom sério —, vou assumir que esse Liam das petrolíferas te tem como refém na cave e vou chamar as autoridades.

— Oh, não te preocupes com isso. Lembras-te da aula de *kickboxing* que tive no terceiro ano? E daquela vez no festival dos morangos em que dei um pontapé no rabo do tipo que tentou roubar a tua tarte?

— Era um miúdo de oito anos, Mara. E *não* lhe deste um pontapé no rabo; deste-lhe a *tua* tarte e um beijinho na testa. Manda mensagem em trinta minutos, ou telefono à polícia.

Fulmino-a com o olhar.

— Isso se um urso polar não te tiver atacado, entretanto.

— A Sadie está em Nova Iorque, e tem a polícia de D.C. nos contactos de marcação rápida.

— Pois é. — A Sadie acena. — Estou a gravar o número agora mesmo.

Começo a sentir-me nervosa no momento em que saio do carro, e vai piorando conforme arrasto a mala pelo acesso — uma bola pesada de ansiedade começa a instalar-se devagar atrás do meu esterno. Paro a meio caminho para respirar fundo. Culpo a Hannah e a Sadie, cuja preocupação exagerada é, aparentemente, contagiante. Vai correr bem. Vai ser tranquilo. O Liam Harding e eu vamos ter uma conversa calma e agradável e chegar à melhor solução possível para os…

Registo o quintal de início de outono ao meu redor, e perco o fio aos pensamentos.

É uma casinha simples. Grande, mas sem a treta dos topiários nem coretos rococó nem gnomos sinistros. Apenas um relvado bem cuidado com cantos ocasionalmente estilizados, meia dúzia de árvores que desconheço e um pátio de madeira amplo mobilado com peças de aspeto confortável. Ao sol do fim de tarde, os tijolos vermelhos emprestam um ar aconchegante e hospitaleiro à casa. E cada centímetro do espaço parece polvilhado do amarelo-quente das folhas de nogueira-do-japão.

Inspiro o cheiro da erva, e do súber, e do sol, e quando os pulmões ficam cheios, deixo escapar uma gargalhada suave. Não teria dificuldade

em apaixonar-me por esta casa. Será possível que já esteja apaixonada? O meu primeiro amor à primeira vista?

Se calhar foi por isso que a Helena me deixou a casa, porque sabia que ia identificar-me imediatamente com ela. Ou talvez o facto de saber que ela queria que eu estivesse aqui me tenha aberto o coração para a casa. Seja como for, pouco importa: sinto que este sítio podia ser um lar para mim, e a Helena continua a intrometer-se como de costume, mas agora a partir do Além. Afinal, ela sempre teve muito que dizer sobre o seu desejo de que eu encontrasse um sítio ao qual pertencesse. «*Sabes, Mara, percebo que te sentes sozinha*», dizia, sempre que eu passava pelo seu escritório para conversar. «*O que a leva a dizer isso?*» «*Porque pessoas que não se sentem sozinhas não escrevem* fan fiction *para a franquia do* The Bachelor *nos tempos livres.*» «*Não é* fan fiction*. É mais um metacomentário aos temas epistemológicos que são abordados em cada episódio e… o meu blogue tem inúmeros leitores!*» «*Escuta, és uma jovem brilhante. E toda a gente adora ruivas. Porque não experimentas sair com os* nerds *do teu meio? O ideal seria saíres com um que não cheire a composto.*» «*Porque são uns imbecis que passam a vida a perguntar quando vou desistir e vou antes formar-me em economia doméstica?*» «*Hum. Essa é uma ótima razão.*»

Talvez a Helena tenha entendido, por fim, que qualquer esperança de me ver assentar com *alguém* é uma causa perdida, e decidiu canalizar os seus esforços para conseguir que eu assentasse *em algum lugar*. Quase consigo imaginá-la, a rir-se como uma tola satisfeita, e isso faz-me sentir mil vezes mais a sua falta.

A sentir-me bem melhor, deixo a mala à entrada do alpendre (ninguém a vai roubar, não com os autocolantes excêntricos de MANTÉM A CALMA E CONTINUA A RECICLAR, E É DIFÍCIL ENCONTRAR UM BOM PLANETA, E CONFIA EM MIM, SOU UM ENGENHEIRO AMBIENTAL). Passo a mão pelos meus caracóis compridos e espero que não estejam demasiado desgrenhados (é provável que estejam). Volto a repetir para mim mesma que é pouco provável que o Liam Harding seja uma ameaça — é só um homem rico e mimado com a profundidade de uma prancha de surfe que não pode intimidar-me — e levanto o braço para tocar à campainha. Só que a porta abre-se antes de eu conseguir chegar-lhe e dou por mim diante de um…

Peito.

Um peito largo e bem definido abaixo de uma camisa. E de uma gravata. E de um casaco de fato preto.

O peito está ligado a outras partes corporais, mas é tão largo que, por um instante, é tudo o que consigo ver. Depois, lá consigo levantar o olhar e por fim reparo no resto: pernas longas e musculadas que preenchem o que sobra do fato. Ombros e braços que se estendem por milhas. Um queixo quadrado e lábios generosos. Cabelo escuro curto e um par de olhos praticamente um tom mais escuro.

Estão, conforme dou conta, a fixar-me. A estudar-me com o mesmo interesse ávido e confuso que também eu sinto. O homem parece incapaz de desviar o olhar, como que enfeitiçado de um modo profundamente físico. O que é um alívio, porque também não consigo desviar os olhos. Não quero.

Acho-o tão atraente que é como um murro no meu plexo solar. Dá-me um nó no cérebro e faz-me esquecer que estou diante de um estranho. Que, provavelmente, devia dizer alguma coisa. Que é provável que o calor que estou a sentir seja inoportuno.

Ele pigarreia, parece tão corado quanto eu.

Sorrio.

— Olá — digo, quase sem fôlego.

— Olá. — Ele soa exatamente igual. Humedece os lábios, como se, de repente, tivesse a boca bastante seca, e *uau*. Fica-lhe mesmo bem. — Posso… posso ajudar? — A voz é linda. Profunda. Rica. Um bocadinho rouca. Podia casar-me com esta voz. Podia enrolar-me nesta voz. Podia ouvir esta voz para sempre e abrir mão de todos os outros sons. Mas talvez devesse começar por responder à pergunta.

— Tu, hum, vives aqui?

— Creio que sim — diz ele, como que demasiado atordoado para se recordar. O que me leva a rir.

— Ótimo. Estou aqui porque… — Porque é que estou aqui? Ah. Sim. — Estou à procura do, hum, Liam. Liam Harding. Sabes onde posso encontrá-lo?

— Sou eu. Eu sou ele. — Ele volta a pigarrear. Estará mesmo a corar? — Isto é, sou o Liam.

— Oh. — Oh, não. Oh, *não*. Não, não. — Sou a Mara. Mara Floyd. A… amiga da Helena. Estou aqui por causa da casa.

A postura do Liam muda *imediatamente*.

Ele fecha os olhos por um instante, como fazemos perante uma notícia trágica e incontornável. Por um momento, parece que foi enganado, como se lhe tivessem estendido uma oferta valiosa para lha arrancarem das mãos no instante em que a desembrulhou. Quando ele diz «És tu», há um travo amargo na sua bela voz.

Ele vira-se e começa a caminhar pelo corredor. Hesito por um instante, na dúvida sobre como agir. Ele não fechou a porta, deve esperar que o siga. Certo? Não faço ideia. Seja como for, sou proprietária de metade da casa, pelo que é possível que isto não conte como uma invasão. Encolho os ombros e apresso-me atrás dele, a tentar acompanhar o comprimento das suas pernas, sem absorver praticamente nada do espaço ao redor até chegarmos a uma sala de estar.

Que é espetacular. Esta casa é toda ela janelas amplas e soalhos de madeira maciça — oh, meu Deus, aquilo é uma *lareira*? Quero assar uns petiscos ali. Quero assar um leitão inteiro ali. Com uma maçã na boca.

— Estou tão contente por podermos falar cara a cara, por fim — digo ao Liam, quase sem fôlego. Por fim, estou a recuperar do… do que quer que tenha acontecido à porta. Remexo na pulseira no meu pulso, a observá-lo enquanto escreve qualquer coisa num papel. — Lamento imenso a tua perda. A tua tia era a minha pessoa favorita no mundo inteiro. Não percebo muito bem porque é que ela decidiu deixar-me a casa, e entendo que isto de sermos coproprietários seja um bocadinho incómodo, mas…

Detenho-me quando ele dobra o papel e mo estende. É tão alto, tenho de me obrigar a levantar o queixo para o olhar nos olhos.

— Que é isto? — Não espero que me responda e abro-o. Vejo um número lá escrito. Um número com vários zeros. Montes deles. Olho para cima, confusa. — Que significa isto?

Ele sustém o meu olhar. Não se vê já nenhum traço do homem ruborizado e hesitante que me cumprimentou há um instante. Esta versão do Liam é friamente bem-parecida e autoconfiante.

— Dinheiro.

— Dinheiro?

Ele assente.

— Não estou a entender.

— Pela tua metade da casa — esclarece, impaciente, mas de repente percebo: ele está a tentar subornar-me.

Olho para o papel. É mais dinheiro do que alguma vez tive na vida — ou que alguma vez virei a ter. Engenharia ambiental? Parece que não é uma carreira lá muito lucrativa, afinal de contas. E não percebo grande coisa do setor imobiliário, mas aposto que esta soma está acima do valor real da casa.

— Peço desculpa. Acho que há um mal-entendido. Eu não vou, eu não… — Respiro fundo. — Acho que não quero vender a casa.

O Liam fixa o olhar em mim, inexpressivo.

— *Achas* que não queres?

— *Não* quero. Não quero vender, aliás.

Ele faz um aceno breve. Depois pergunta:

— Quanto mais?

— Como?

— Quanto mais queres que ofereça pela casa?

— Não, eu… eu não estou interessada em vender a casa — repito. — Não posso. A Helena…

— O dobro seria suficiente?

— O *dobro*… como é que sequer… tens *cadáveres* enterrados debaixo dos canteiros?

Os olhos parecem blocos de gelo.

— Quanto queres para vender?

Será que está a ouvir-me, sequer? Porque é que insiste tanto? Para onde foi o seu rubor fofo e pueril? À porta, parecia tão…

Enfim. É evidente que me enganei.

— Não posso vender. Peço desculpa. Mas talvez possamos arranjar uma solução nos próximos dias. Não tenho onde ficar em D.C., por isso estava a pensar em mudar-me para cá durante uns tempos…

Ele sopra um riso silencioso. Depois, percebe que estou a falar a sério e abana a cabeça.

— Não.

— Bem — tento ser razoável. — A casa parece-me grande, e…

— Não vais mudar-te para cá.

Respiro fundo.

— Eu entendo. Mas a minha situação financeira é bastante precária. Daqui a dois dias vou começar num novo emprego, e é mesmo perto daqui. A pé. É o sítio perfeito para eu viver durante algum tempo, até voltar a endireitar-me.

— Acabei de te oferecer uma solução para os teus problemas financeiros.

Faço uma careta.

— Não é assim tão simples. — Ou, se calhar, até é. Não sei, porque não consigo parar de me lembrar das folhas de nogueira-do-japão pousadas nas hortênsias e de me perguntar qual será o seu aspeto na primavera. Talvez a Helena quisesse que eu visse o jardim em todas as estações. Se ela quisesse que eu vendesse a casa, tinha-me deixado um monte de dinheiro no seu lugar. Certo? — Tenho motivos para não querer vender. Mas podemos resolver isto juntos. Por exemplo, podia arrendar-te temporariamente a minha metade da casa e usar o dinheiro para viver noutro sítio. — Dessa forma, podia manter o presente da Helena. Saía da casa do Liam e mantinha-me acima do limiar da pobreza. Bem, só um *bocadinho* acima. E, no futuro, quando o Liam se casar com a namorada (que deve ser uma CEO de uma *Fortune 500*[1] sem dificuldades em enumerar as *Dow 30*[2] por setor de mercado e que tem um produto favorito na *newsletter* da *goop*[3]) e se mudar para uma McMansão em Potomac, Maryland, e inaugurar uma nova dinastia política, eu poderei revisitar este sítio. Mudar-me para cá, como parece que era a ideia da Helena. Isto é, se, até lá, tiver conseguido um aumento e puder suportar a conta da água.

---

[1] Lista anual publicada pela revista *Fortune* que consiste nas 500 empresas mais lucrativas dos Estados Unidos por ano fiscal. (*N. da T.*)

[2] Índice criado em 1896 por um editor do *Wall Street Journal* que estabelece as 30 empresas mais importantes e de maior dimensão dos Estados Unidos com base nas suas cotações na Bolsa. (*N. da T.*)

[3] Criada por Gwyneth Paltrow em 2008, consiste numa *newsletter* semanal a promover discussões de temas variados, com sugestões em praticamente todas as áreas (cozinha, moda, viagens, saúde, etc.). (*N. da T.*)

É uma proposta justa, certo? Errado. Porque a resposta do Liam é:

— Não. — Caramba, ele adora essa palavra.

— Mas porquê? É evidente que tens dinheiro…

— Quero que isto fique resolvido de uma vez por todas. Quem é o teu advogado?

Estou prestes a rir-me na cara dele e a fazer uma piada sobre os meus «consultores legais», quando o *iPhone* dele toca. Ele olha para a identificação do contacto e pragueja entredentes.

— Tenho de atender. Só um instante — ordena, demasiado mandão para o meu gosto. Antes de sair da sala, atravessa-me com os olhos sérios e frios e declara: — Esta não é, e *nunca* vai ser, a tua casa.

E parece-me que foi a gota de água.

Foi essa última frase que me fez saltar a tampa. Bem, além do tom condescendente, dominante e arrogante com que se dirigiu a mim nos últimos dois minutos. Cheguei à casa dele preparada para uma conversa produtiva. Estendi-lhe várias opções, mas ele rejeitou tudo e agora estou a ficar *chateada*. Tenho tanto direito quanto ele a estar aqui, e se ele se recusar a admiti-lo…

Bem. Pior para ele.

Com a raiva a borbulhar na minha garganta, rasgo o papel que o Liam me estendeu em quadro pedaços e deixo-o cair na mesa de centro para ele encontrar mais tarde. Depois, volto para o alpendre, agarro a minha mala de viagem e começo à procura de um quarto desocupado.

Imaginem só, escrevo à Sadie e à Hannah. A Mara Floyd, doutorada, acaba de se mudar para a sua casa nova. E está definitivamente em chamas.



Dois

Cinco meses e duas semanas antes

Não tenho tempo para isto.

Estou atrasada para o trabalho. Tenho uma reunião daqui a meia hora. Ainda tenho de lavar os dentes *e* pentear o cabelo.

Não tenho *mesmo* tempo para isto.

E, ainda assim, acabo por ceder à tentação porque me tornei uma parva. Bato com a porta do frigorífico, viro-me e apoio-me nele, cruzando os braços da forma mais ameaçadora que consigo, e olho para o Liam do outro lado da cozinha neste espaço aberto.

— Sei que andas a usar o meu creme de café.

É um desperdício de energia. Porque o Liam se limita a ficar do outro lado da ilha, tão impassível quanto o balcão de granito, a untar tranquilamente a torrada com manteiga. Não contra-ataca. Não olha para mim. Continua a espalhar a manteiga, impassível, e atira:

— Ai ando?

— Não és tão discreto quanto pensas, amigo. — Atiro-lhe o meu melhor olhar fulminante. — E, se é alguma tática de intimidação, não está a funcionar.

Ele assente. Ainda impassível.

— Já informaste a polícia?

— O quê?

Ele encolhe os estúpidos ombros largos. Está a usar um fato, porque está *sempre* de fato. Um fato em três peças cor de carvão que lhe cai

como uma luva — e, ainda assim, não lhe fica nada bem porque ele não tem o físico de um homem de negócios malévolo. Talvez durante o seu treino obrigatório para Acabar com a Terra ele tenha sido um estagiário de perfuração numa plataforma petrolífera?

— O alegado roubo do creme de café parece incomodar-te bastante. Já informaste as autoridades?

Respiro fundo. Preciso de respirar fundo. Em D.C., o assassinato é punível até 30 anos de prisão. Eu sei, porque pesquisei no dia depois de me mudar para cá. Ainda assim, um júri de pares nunca me condenaria — não se eu enumerasse os horrores a que tenho estado sujeita nas últimas semanas. De certeza que iriam considerar a morte do Liam como autodefesa. Até eram capazes de me dar um prémio.

— Liam, estou a tentar. A tentar que isto funcione *a sério*. Alguma vez te perguntas se não estarás a ser um imbecil?

Desta vez ele olha para cima. Os olhos estão tão gelados que me arrepio.

— Tentei fazer isso, uma vez. E no instante em que estava prestes a chegar à conclusão, alguém pôs a tocar a banda sonora do *Frozen* no volume máximo.

Sinto-me corar.

— Estava a limpar o quarto. Não fazia ideia de que estavas em casa.

— Hum. — Ele assente, e depois faz uma coisa que eu não esperava: aproxima-se. Dá uns passos lânguidos, avançando pelo meio de eletrodomésticos ultramodernos e mobiliário clássico até se elevar como uma torre à minha frente. Olha para baixo como se eu fosse um problema que ele achava que já tinha resolvido. Cheira a champô e a tecido caro, e ainda está a segurar a faca de manteiga. Será que dá para esfaquear alguém com aquilo? Não sei, mas o Liam Harding tem ar de quem está prestes a matar alguém (eu, por exemplo), com uma bola de praia.

— Esse creme de café que usas para apoio emocional não é mau para o ambiente, Mara? — pergunta, a voz baixa e profunda. — Pensa no impacto dos produtos alimentares ultraprocessados. Nos ingredientes tóxicos. Naquele plástico todo.

É tão condescendente que podia dar-lhe uma dentada. Em vez disso, espeto os ombros para trás e aproximo-me ainda mais dele.

— Eu faço uma coisa de que nunca ouviste falar… chama-se *reciclagem*.

— Ah é? — Ele pousa a faca no balcão e olha para trás de mim, para os baldes de lixo que instalei depois de me mudar para cá. Estão a rebentar de lixo porque tenho andado demasiado ocupada para os levar para o centro. E ele *sabe*.

— Não há recolha aqui na rua. Mas estou a contar levá-los para… O que é que… — As mãos do Liam fecham-se em redor da minha cintura, os dedos compridos encontram-se tanto nas minhas costas quanto acima do meu umbigo. O meu cérebro para de repente. Que raio é que ele…?

Ele levanta-me até eu ficar a pairar acima do chão, e depois leva-me sem dificuldade até alguns centímetros ao lado do frigorífico. Como se eu fosse leve como uma caixa da Amazon, aquelas gigantes que por algum motivo só têm um tubo de desodorizante no interior. Gaguejo de forma pouco digna, mas ele não liga nenhuma. Em vez disso, pousa-me no chão, abre o frigorífico, agarra num frasco de doce de framboesa e murmura «Então é melhor tratares disso» com um último olhar intenso.

Volta para a sua torrada, e eu volto a não existir no seu Universo.

Fantástico.

Vou a rosnar até ao quarto, meio ruborizada e meio com vontade de assassinar alguém, ainda a sentir as palmas das mãos dele na pele. *Quando estiver a dormir. Juro que vou matá-lo quando estiver a dormir. Quando não estiver à espera. Depois, vou celebrar atirando frascos vazios de creme de café sobre o corpo dele.*

Dez minutos depois estou a suar de raiva, a caminho do trabalho enquanto faço uma chamada para despejar a ira (*chamira*) com a Sadie. Tem havido muitas destas ultimamente. *Muitas*.

— … ele nem sequer bebe café. O que significa que ou anda a despejar o creme na sanita para me irritar ou anda a emborcá-lo como se fosse água, e, sinceramente, não sei qual dos cenários seria pior porque, por um lado, cada dose tem umas seiscentas e quarenta calorias, e o Liam consegue ter só três por cento de massa gorda, mas, por outro lado, perder tempo da sua rotina ocupadíssima para *me* privar do *meu* creme de café é um gesto de crueldade sem precedentes que ninguém

devia nunca… — Detenho-me quando reparo na sua expressão divertida. — Que foi?

— Nada.

Semicerro os olhos.

— Estás a fazer uma cara estranha?

— Não! Não. — Ela abana a cabeça de forma empática. — É só que…

— É só que?

— Estás a falar do Liam sem parar há — ela levanta uma sobrancelha — oito minutos, Mara.

Sinto as bochechas ruborizadas.

— Desculpa, eu…

— Nada contra, eu *adoro* isto. Adoro ouvir-te a queixar-te dos outros, recomendo, nota 10. Só que sinto que nunca te vi assim, estás a perceber? Vivemos juntas durante cinco anos. Geralmente és sempre a favor de nos esforçarmos pela harmonia e *Imagine all the people*.

Eu bem *tento* levar a minha vida sem estar num estado constante de raiva lança-chamas. Os meus pais eram o tipo de pessoas que não deviam ter filhos: desligados, nada afetuosos, impacientes para me verem a sair de casa para poderem transformar o meu quarto num armário de sapatos. Por isso sei coabitar com outras pessoas e minimizar conflitos, posto que o faço desde os meus dezassete anos — há dez anos. *Vive e deixa os outros viver* é um talento crucial em qualquer espaço compartilhado, e tive de o dominar depressa. E ainda o domino. A sério. Só não estou certa de *querer* que o Liam viva.

— Estou a tentar, Sadie, mas não sou eu quem anda sempre a meter a porcaria do termóstato no modo gelado. Ou que não se dá ao trabalho de apagar o raio das luzes antes de sair; a nossa conta de eletricidade é *absurda*. Há dois dias, cheguei a casa depois do trabalho e a única pessoa na casa era um tipo qualquer sentado no meu sofá que me ofereceu uma *Cheez-It* das minhas. Pensei que fosse um assassino contratado pelo Liam para acabar comigo.

— Oh, meu Deus! E era?

— Não, era o Calvin, um amigo do Liam que, tragicamente, é mil vezes mais simpático do que ele. O que interessa é que o Liam é o tipo

de colega de casa merdoso que convida pessoas cá para casa quando está fora, sem avisar. Além disso, que é que lhe custa dizer «olá» quando me vê? E é psicologicamente incapaz de fechar os armários da loiça? Tem algum trauma enraizado que o levou a decorar a casa apenas com imagens de árvores em preto-e-branco? Será que ele sabe que não precisa de bater com a porta sempre que sai? E será que precisa mesmo de trazer os imbecis dos parceiros de jogo para jogarem consola ao… — Termino de atravessar a estrada e fito o ecrã. A Sadie está a morder o lábio inferior, pensativa. — Que foi?

— Estavas bem lançada e pareceu que não precisavas de mim, por isso fiz uma coisa.

— Uma coisa?

— Pesquisei o Liam no Google.

— Como? Porquê?

— Porque gosto de ver a cara das pessoas sobre as quais passo várias horas por semana a falar.

— Faças o que fizeres, *não* cliques na página dele do grupo FGP. Não lhes dês cliques!

— Já é tarde para isso. Ele até parece…

— Que o aquecimento global e o capitalismo tiveram um filho que agora está na fase do culturismo?

— Hum… eu ia dizer fofo.

Bufo.

— Quando olho para ele, tudo o que vejo é a quantidade de chávenas de café sem creme que tenho tomado desde que me mudei para aqui. — E, às vezes, só às vezes, lembro-me do olhar afogueado e atordoado que ele me fez antes de saber quem eu era. Lamento um bocado por isso. Mas quem é que estou a tentar enganar? Devia ser uma alucinação.

— Ele voltou a oferecer-se para te subornar? — pergunta a Sadie.

— Ele finge que eu não existo. Bem, exceto quando olha para mim como se eu fosse uma infestação de baratas no espaço imaculado que ele habita. Mas o advogado dele manda-me *e-mails* com ofertas ridículas de subornos dia sim, dia não. — Começo a ver o edifício onde trabalho a cem passos. — Mas não vou vender. Vou ficar com a única

coisa que a Helena me deixou. E, quando estiver numa melhor situação financeira, saio dali. Não deve demorar muito, só uns meses no máximo. E, entretanto…

— Café simples?

Solto um suspiro.

— Entretanto bebo café amargo e nojento.